

MACALL POLAY

Crítica // Bruce Springsteen: Salve-me do desconhecido ★★

Ricardo Daehn

Centrado em figuras decadentes como a de Jeff Bridges, em *Coração louco*, e em Johnny Depp, em *Aliança do crime*, o diretor Scott Cooper criou a expertise aplicada, agora, no novo *Bruce Springsteen: Salve-me do desconhecido*. Amparado pelo livro de Warren Zane, lançado em 2003, Cooper persegue a inspiração, nos anos de 1980, do chamado *The Boss* (Springsteen) para as composições que integrariam o álbum *Nebraska*, seguinte ao sucesso de *The river*.

Uma musa virtualmente poderosa, na jornada, será a atendente de lanchonete Faye (Odessa Young). Entretanto, o cantor personificado por Jeremy Allen White (o mesmo da série *The bear*) parece encantado com a autocomiseração. Assombrado pela singularidade de um momento de criação, com série de músicas captadas em um quartinho isolado de Colts Neck, o protagonista tem a viagem pessoal (testemunhada por Mike Batlan, personagem de Paul Walter Hauser) bem embalada pela montagem a cargo de Pamela Martin (dos sucessos *King Richard: Criando campeãs* e *O vencedor*). Ajuda muito na criação de atmosfera a direção de produção assinada por Stefania Cella (do italiano *A grande beleza*).

Perfeito em *O aprendiz* e em *Succession*, o



O LADO SOMBRIO DO SUCESSO

Springsteen: Salve-me do desconhecido: retrato peculiar e inesperado

NOVO FILME DE SCOTT COOPER RECUPERA PERÍODO INSPIRADO, MAS POUCO CINEMATOGRAFICO, NA CARREIRA DO ÍCONE BRUCE SPRINGSTEEN

coadjuvante Jeremy Strong, na pele do empresário e produtor Jon Landau, decepciona,

monocórdio, no filme que ousa retratar uma fase quase inacabada de Springsteen, em um álbum inesperado, à la Johnny Cash, tratando de figuras como o assassino Charles Starkweather, sentenciado à cadeira elétrica.

Regadas a folk, as composições dialogam com *Terra de ninguém*, clássico, nas telonas, dos anos de 1970, poderoso para alimentar a depressão do compositor, em fase de esboços sombrios (que culminaria

em *Born in the USA*, mostrada no filme de Cooper). O filme de Scott Cooper preserva a intenção dos ruídos (em gravação) defendidos por Bruce, entre peculiaridades de insano trabalho, a contragosto, acatado pelo empresário Al Teller (o chefão da Columbia, defendido na interpretação de David Krumholtz). O zelo pela integridade do potencial dos registros em demo resulta quase em colapso de cantor.

Afora que, no roteiro, cada cena pareça explicar

obviedades, o longa ainda engasga ao retratar as decepções paternas com simplório personagem defendido por Stephen Graham (visto na série *Adolescência*). Pesa, ao fim, o espectador ter acompanhado um embate antecipado do digital contra o analógico, tendo Nova Jersey como cenário importante, e fatos associados à criação de faixas como *Mansion on the hill*, *Atlantic city* e *Nebraska*, numa perspectiva de redundante pontuação.